

Pós-modernidade e morte no entrecruzamento entre os discursos religioso e científico

Alexsandro Medeiros do Nascimento;¹Denise Rego² e Jorge Tarcísio da Rocha Falcão³

Resumo

O estudo investigou a estrutura conceitual da representação social da morte, em profissionais de saúde, no contexto sócio-cultural do nordeste do Brasil. Utilizou-se um questionário com questões abertas e fechadas versando sobre os aspectos simbólicos e icônicos componentes da estrutura da representação da morte, na população referida, a saber: médicos, psicólogos e enfermeiros.

Abstract

The study investigated the conceptual structure of the social representation of death among health care professionals in the sociocultural context of Northeastern Brazil. A questionnaire with open and closed questions was used, dealing with the symbolic and iconic components of the structure of the representation of death in a population composed by doctors, psychologists and nurses. The data

¹ Departamento de Educação - Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: alexmeden@hotmail.com

² Departamento de Psicologia - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.

Os dados foram analisados através de uma Análise de Conteúdo e uma análise multidimensional e interpretados à luz dos aportes da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1976; 1988). A análise permitiu localizar uma dispersão no registro conceitual da representação e um alto número de elementos de discursos religiosos e científicos na Representação da Morte. O estudo corrobora os achados de Nascimento (2001) sobre a dispersão dos sentidos atribuídos à Morte em sua Simbólica na Modernidade.

were examined through a content analysis and a multidimensional analysis and interpreted according to the social representations theory (MOSCOVICI, 1976; 1988). The analysis allowed us to observe dispersion in the conceptual registration of the representation and a high number of elements of religious and scientific discourses in the representation of death. This study corroborates Nascimento's findings (2001) about the dispersion in Modernity of the meanings attributed to death in its conceptual structure.

Palavras-chave: morte; religião; ciência; representação social.

Keywords: death; religion; science; social representation.

Morte e religião na visão de mundo do ocidente

A imagem moderna do mundo, em seu rompimento com a visão antiga típica da Idade Média, operou um deslocamento do estatuto da Religião na trama simbólica que ordena a sociedade ocidental ao recusar-lhe o lugar de eixo privilegiado de leitura do mundo e de organização do real. Deus (como noção ordenadora) conhece a sua desaparecimento do cosmos e com isso assistimos à irrupção de uma natureza técnica – filha dos poderes cognitivos e tecnológicos humanos – que se acompanha de um incremento de angústia do sujeito humano frente ao seu desamparo hodierno e à questão que lhe é posta em relação à eternidade da matéria (PODEUR, 1977).

Fazendo eco à derrocada das crenças religiosas encontramos a morte na modernidade e pós-modernidade transferida para a velhice, insulada no ambiente, vivenciada sob controle tecnológico e descontextualizada (KASTENBAUM & AISENBERG, 1983). Nesse contexto

simbólico de medicalização da morte, a mesma só é passível de descrição via signos científicos os quais a caracterizam por interrupção completa e definitiva das funções vitais do organismo vivo, desaparecimento de sua coerência funcional e destruição progressiva das unidades tissulares e celulares, fenômenos orgânicos verificados em nível macroscópico através da não-receptividade e não-reação a estímulos externos, ausência de movimentos respiratórios e abolição da atividade do sistema nervoso central, manifesta no encefalograma plano (ZIEGLER, 1977). A morte comparece portanto, no discurso científico hodierno completamente despojada de seus significados metafísicos e religiosos de existência perene no pensamento pré-científico. Contudo, a conseqüente suspensão das certezas em relação ao método científico operada na pós-modernidade ocasiona uma errância do sentido de significado global (LYON, 1998), inclusive do sentido da morte no contexto da experiência humana.

Representações sociais e os significados da morte na equipe de saúde: a simbólica da morte no nordeste do Brasil

Investigações a partir de paradigmas teóricos e metodológicos distintos têm localizado entre profissionais de saúde um dos agrupamentos ocupacionais mais sujeitos à agravos de ordem somática e psíquica oriundos de rotinas ocupacionais onde a proximidade com a morte é uma constante (ver o excelente estudo de base epidemiológica de PITTA, 1991).

Na esteira dos trabalhos do *Historiador da Morte*, Philippe Ariès (1977), Nascimento (2001) – em recente estudo sobre a simbólica da morte em sujeitos da área da saúde da cidade de Natal/RN, no nordeste do Brasil (médicos, enfermeiros e psicólogos) – localiza a existência de uma lógica não-linear e não-sistêmica, a qual ele denominou de “lógica do caleidoscópio”,⁴ a qual responde por uma intensa cisão no seio da representação da morte nos profissionais supra-citados, os quais convocam saberes distintos de ordem tecnicista e metafísico-religiosa a

⁴ Para uma apreciação mais densa da “lógica do caleidoscópio” estruturante da Representação da morte, em seu aspecto conceitual, bem como um detalhamento das categorias dessa simbólica, ver o artigo *Religião, morte e pós-modernidade: as relações entre os discursos religioso e científico na construção da representação da morte em profissionais de saúde* (NASCIMENTO, 2001).

estruturar os seus discursos sobre o objeto em questão, numa verdadeira ‘polifasia cognitiva’⁵ operante na modelagem simbólica deste objeto de um significado específico em suas rotinas ocupacionais. Tal lógica, contraposta à lógica imperante no fazer científico, responde segundo o autor, pela deriva nas significações da morte e pela proliferação das mesmas no domínio dos discursos analisados.

A estrutura conceitual da morte encontrada nesse estudo é composta de 12 elementos/categorias organicamente relacionadas a partir de uma lógica de paradoxo – as categorias de morte como fim, passagem, mistério, perda, sono, corte, retorno, macabra, natural, abstrata, triste e verdade – algumas delas carregando sentidos claramente opostos e que funcionam organicamente numa lógica paradoxal em que os significados não se excluem, mas compõem sempre juntos, sempre se convocando mutuamente, numa imagem calcidoscópica de nuances sempre renovadas, em que a morte aparece à apreciação podendo ter um sentido, e um outro que lhe é contrário e mais ainda outro, numa sucessão de ocorrências de significados que vão se juntando de forma articulada.

Sendo as RS uma teoria cuja centralidade descritiva e explanativa versa privilegiadamente sobre a questão de como os saberes sociais se constroem e se transformam em suas migrações por contextos outros em relação aos que lhe deram origem (JOVCHELOVITCH, 2001), o tratamento das representações como fenômeno complexo situado na interface de fenômenos sociais e cognitivos, comunicação e pensamento (MOSCOVICI, 1988) implica necessariamente numa análise dos complexos processos dialógicos de cruzamento de lógicas distintas, típicas de contextos individuais, os quais em seu comércio plasmam as modelizações dos objetos componentes da realidade social e se tornam garantias de inteligibilidade do real.

Pautado num resgate dessas racionalidades, o estudo propôs-se a aprofundar uma sistematização no conhecimento sobre a simbólica da morte nos tempos pós-modernos, no contexto sócio-cultural do nordeste do Brasil, notadamente entre indivíduos possuidores de conhecimentos técnico-científicos, procurando situar a influência dos discursos religioso

⁵ O conceito de *polifasia cognitiva* refere-se ao dialogar de racionalidades distintas, funcionantes sob lógicas dessemelhantes e que apontam para universos discursivos e visões de mundo díspares. Para um aprofundamento do conceito ver Gervais & Jovchelovitch (1998) e Jovchelovitch (2001).

e científico na estruturação da mesma. Concomitante a esse objetivo, o estudo se coloca também como uma tentativa de validação das Categorias de morte componentes da simbólica proposta por Nascimento (2001) para a representação desse objeto no contexto sócio-cultural do nordeste em população semelhante.

O estudo

Participaram do estudo 74 profissionais de saúde (43 médicos, 18 enfermeiros e 13 psicólogos) de ambos os sexos (48 mulheres e 26 homens), com idades entre 24 e 58 anos, sendo a maioria pós-graduada (66,25%) e exercendo suas atividades profissionais nas cidades de Natal e Recife (NE) em contextos de extrema exposição ao fenômeno da morte. Quanto à orientação religiosa os respondentes comparecem em uma maioria católica (75,67%) seguida de um segundo contingente de orientação espírita (13,51%), sendo o restante composto de diversas outras orientações. Vale salientar que em relação às orientações religiosas elencadas, as mesmas – à parte seus pressupostos metafísicos e teológicos específicos – compartilham uma crença de base, no que concerne à sobrevivência da “alma”/sujeito psicológico após a destruição do corpo físico na morte.

Utilizou-se um instrumento contendo questões abertas e fechadas sobre a morte e o morrer, cujos conteúdos discursivos foram submetidos à análise quali-quantitativa na forma de uma análise de conteúdo segundo os princípios de Bardin (1979) e uma análise multidimensional do tipo classificação hierárquica ascendente com dados nominais com a utilização do programa *Cahvor-Addad*.

As representações da morte e do morrer na equipe de saúde

A análise temática-conteudinal dos documentos escritos logrou localizar 191 trechos discursivos onde a morte é significada a partir de 12 elementos/núcleos de significação, categorias com as quais o discurso sobre a morte é tecido no contexto em estudo, a saber, profissionais de saúde atuantes no nordeste do Brasil: em sua simbólica, a morte comparece indicando (C1) fim, (C2) passagem, (C3) mistério, (C4) perda, (C5) sono, (C6) corte, (C7) retorno, (C8) macabra, (C9) natural, (C10)

abstrata, (C11) triste e (12) verdade, categorias estas articuladas organicamente no seio da representação numa lógica paradoxal.

Vale recorrer aqui a uma noção de cromatismo, numa evidência de estatuto de “bricolage” com que os discursos sobre a morte entre as categorias profissionais são tecidos, no momento em que significados antagônicos são convocados numa composição concreta e singular como numa tapeçaria:

A morte me lembra a separação e o encontro (C4)⁶ Separação corpo e espírito (C4). Separação homem-mundo (C4). Encontro do homem com sua essência real (C12). Encontro do homem com Deus (C12). Um momento da vida (C9). Um momento de finitude do corpo material (C1), de desapego dos relacionamentos (C4), das criações humanas (C4), do próprio ego (C4). Um momento de retorno ao início de tudo (C7), de encontro entre criatura e criador (C12). (Psicólogo, sexo feminino, Fragmento Discursivo 1 – Protocolo 36).

Concomitante à essa “proliferação” acentuada de sentidos com que a morte é representada, observa-se uma estrutura discursiva tramada a partir de pares antitéticos, significados opostos que se convocam mutuamente e encontram sua possibilidade de existência no seio da representação, na articulação com seu opositor. Existe certo número dessas articulações, como podemos depreender a partir dos pares “fim *versus* passagem”, “sono *versus* macabra”, “fim e passagem *versus* abstrata”, entre tantas outras. Se o que está em jogo na primeira das articulações é o destino do corpo e do sujeito psicológico após o falecimento, na segunda os aspectos afetivos da experiência da morte e do morrer é que são enfatizados a partir das possibilidades de a mesma ocorrer num registro de medo/angústia ou de tranquilidade/descanso; além disso, encontramos uma grande oposição de base entre as categorias descritas no terceiro par antitético onde, se por um lado a morte comparece como uma experiência “abstrata”, indizível, sobre a qual nada se sabe e quase nada (ou mesmo nada!) em relação a ela se pode dizer, por outro comparece nos discursos um

⁶ (C4) refere-se à categorização supracitada, logo, morte como “perda”, (C12) morte como “encontro/descoberta da verdade” e assim sucessivamente.

certo saber que mostra o destino último do sujeito morrente, quer numa versão de sobrevivência quer numa de destruição. Temos no discurso que segue um exemplo paradigmático, a partir dessa trama de pares antitéticos:

[A morte] É a deterioração final do corpo humano [C1], é o fim da 'máquina humana' [C1], que adquiriu 'defeitos' que não podem mais ser corrigidos, ou melhor, que não puderam ser corrigidos. A minha formação religiosa me empurra para a crença de vida após a morte [C2], seja da forma que for, de que o corpo é apenas o 'habitat temporário' da alma [C2]... (Médico, 32 anos, sexo masculino, Fragmento Discursivo 2 – Protocolo 22).

A partir do trecho discursivo anterior já é possível o assinalamento de duas outras características da representação da morte na referida população, a saber, um movimento de pêndulo na estruturação do discurso e a presença de elementos oriundos de discursos distintos (religiosos e científicos) no âmago da representação. Em relação à primeira característica é notável a relação dialética entre as séries de pares antitéticos que se engendram e se convocam mutuamente numa proferição permeada de tensões: a morte é fim, mas é também passagem, é fim novamente, por isso é aterrorizante (macabra) mas pode ser igualmente sono/descanso, numa série sempre renovada de elementos tensionantes no discurso. Em relação à segunda característica, vale salientar a presença (reconhecida pelo próprio sujeito!) de crenças de origem metafísico-religiosa na modelização do objeto “morte” bem como a alta saturação de termos técnicos oriundos de um contexto científico altamente comprometido com uma postura fisicalista na descrição e explanação do sujeito humano e conseqüentemente de sua morte.⁷

A análise classificatória ascendente hierárquica (análise multidimensional empregada neste estudo) opera partições por sujeitos a partir de um algoritmo – o *cálculo baricêntrico* – o qual produz uma

⁷ Para uma discussão aprofundada da adoção das premissas fisicalistas pela ciência em geral e dos custos subjetivos advindos dessa adoção imputado aos cientistas, ver a excelente exposição do problema referido no livro do Prof. João de Fernandes Teixeira “Mente, cérebro & cognição” (TEIXEIRA, 2000).

classificação hierárquica baseada exclusivamente no perfil matemático das dimensões em questão, onde em torno de um ponto de máxima concentração de tipicidade os elementos investigados se distribuem e as partições se operam. Vejamos a seguir os resultados da análise ascendente hierárquica efetuada com os sujeitos e suas categorias de morte, entre outros elementos:

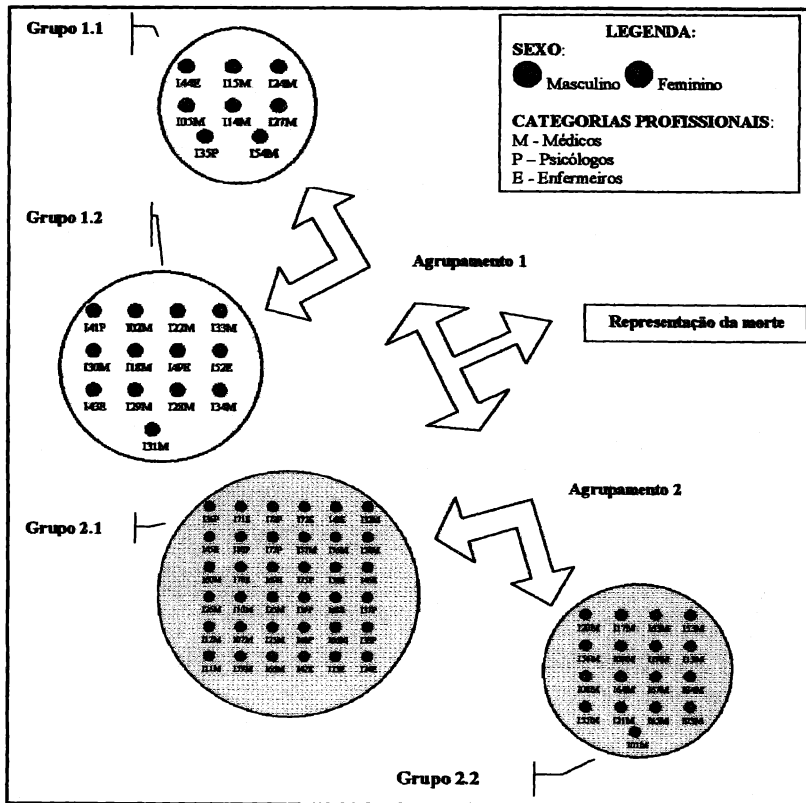


Figura 1 – Análise multidimensional do tipo classificatória hierárquica ascendente

ANÁLISE ASCENDENTE HIERÁRQUICA
Bibliotheque Addad Micro (version 89.1)

A análise multidimensional operou uma partição entre os sujeitos onde verifica-se a existência de dois grandes agrupamentos – os agrupamentos 1 e 2, os quais por sua vez se subdividem em sub-grupos menores – os Grupos 1.1 e 1.2 (oriundos do desmembramento do agrupamento 1) e os Grupos 2.1 e 2.2 (oriundos do desmembramento do agrupamento 2).⁸

Uma análise clínica dos dados dos sujeitos agrupados nessa classificação hierárquica ascendente com essa feição da árvore revela peculiaridades específicas que se colocam como parâmetros para as partições efetuadas.

A tipicidade dos sujeitos do agrupamento 1 se coloca, regra geral, no fato de que os discursos dos mesmos sobre a morte revelam ser mais ricos que os dos sujeitos do agrupamento 2, uma vez que eles se utilizam de um maior número de categorias de morte na montagem de seus discursos. Além disso, há uma tendência geral de se representar a morte de forma mais macabra e ansiogênica, dada a alta frequência das categorias “corte”, “mistério” e “macabra” nas produções desses sujeitos.

Os sujeitos do agrupamento 2, por sua vez, encontram-se entre os mais jovens da amostra (até 31 anos de idade), de menor tempo de atuação (até 7 anos), há uma presença significativa de médicos e de protestantes entre eles, e os seus discursos sobre a morte são mais pobres e com uma presença menor das categorias já descritas.

Breves pontuações sobre a RS da morte na equipe de saúde

A morte comparece à nossa apreciação nos discursos dos profissionais estudados numa trama rica de significações a partir de séries de oposições articuladas num todo orgânico e funcional sob uma lógica específica, a qual, como índice da polifasia cognitiva subjacente à sua estruturação (GERVAIS & JOVCHELOVITCH, 1998; JOVCHELOVITCH, 2001), permite ou mesmo impõe à sua urdidura pares antitéticos de

⁸ Por razões do foco do presente estudo só será analisado o primeiro nível da classificação hierárquica, o da partição efetuada entre os agrupamentos 1 e 2. Uma apreciação mais detalhada da análise ascendente hierárquica será objeto de outro trabalho, em andamento.

significações claramente opostas, como se fosse preservar no nível do discurso uma tensão que é a marca capital do encontro do sujeito humano como seu objeto mais ansiogênico – a morte. Tal lógica – já descrita por Nascimento (2001) como “*lógica do caleidoscópio*” – comparece à análise em toda a sua especificidade organizadora ao impor à estruturação dos discursos dos sujeitos sobre a morte princípios de não-exclusão e não-sistematicidade, ou seja, a partir de uma lógica claramente oposta à lógica clássica (aristotélica) funcionante sob um princípio de não-exclusão do tipo “*um E outro*” que permite a existência no seio da representação de elementos antagônicos, embora essa permissão vele a possibilidade de uma configuração sistêmica emergir a partir dessa estrutura; seus contornos permanecem imprecisos, dissonantes, tensionados.

Um outro ponto de singular interesse refere-se ao atravessamento do sujeito em meio ao processo de modelização do objeto e que diz da força de processos identitários marcarem a representação (MOSCOVICI, 1976; 1988) no momento em que elementos migrantes de discursos técnico-científicos comparecem na trama representacional do objeto morte, o que nos diz de um atravessamento dos processos identitários que a partir do *locus* profissional permite uma determinada configuração à estrutura do objeto em estudo (ZIEGLER, 1977). Há que se ressaltar no entanto a rica dialogia no âmago da representação desses saberes técnicos com outros oriundos do senso comum e que dizem de significados religiosos e metafísicos atribuídos à morte no curso das experiências espirituais comunitárias dos grupos em questão.

A lógica própria do caleidoscópio (NASCIMENTO, 2001) impede que um sentido único se estabeleça e que a morte se faça uma, o que não deixa de ter uma profunda significação no que se refere à possibilidade de que um saber dito superior dite sua influência calando outros discursos presentes na cultura e que também são importantes para os grupos nos quais os mesmos se originaram.

Representar a morte de forma caleidoscópica também é dar-lhe voz na cultura, é respeitar o mistério que sempre a cercou desde a auro-ra dos tempos, é respeitar e considerar (de forma analítica e como objeto de investigação da ciência, por quê não?) o resto que falta, buscar o que falta, perseguir o invisível.

Referências bibliográficas

- ARIES, P. *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BERGER, P. L. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GERVAIS, M. C. & JOVCHELOVITCH, S. *The health beliefs of the chinese community in England: a qualitative research study*. London: Health Education Authority, 1998.
- JOVCHELOVITCH, S. *Representações sociais: saberes sociais e polifasia cognitiva*. Cultura e Pesquisa. Blumenau: EDUCadernos Série Estudos e Pesquisas, 2001.
- KASTENBAUM, R. & AISENBERG, R. *Psicologia da morte*. São Paulo: Pioneira/Universidade de São Paulo, 1983.
- LYON, D. *Pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 1998.
- MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.
- MOSCOVICI, S. Notes towards a description of Social Representations. *European Journal of Social Psychology*, n. 18, p. 211-250, 1988.
- NASCIMENTO, A. M. Religião, morte e pós-modernidade: as relações entre os discursos religioso e científico na construção da representação da morte em profissionais de saúde. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES/III SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES: INSURGÊNCIAS E RESSURGÊNCIAS NO CAMPO RELIGIOSO, *Anais Eletrônicos*, 2001, Recife.
- PITTA, A. *Hospital: dor e morte como ofício*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- PODEUR, L. *Imagem moderna do mundo e fé cristã*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. *Cadernos de Psicologia*, n. 1, p. 1-27, 1995.

TEIXEIRA, J. F. *Mente, cérebro & cognição*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZIEGLER, J. *Os vivos e os mortos*. Rio de Janeiro: Zahar. 1977.